

# SÓ NA BUSCA HÁ O ENCONTRO

## MOBILIDADE HUMANA COMO CAMINHO ESPIRITUAL

Paulo Ueti\*

Este artigo apresenta uma interpretação das migrações/mobilidade humana como um fenômeno teológico e decisivo da espiritualidade cristã. Este fenômeno é aqui entendido como condição do seguimento de Jesus e como projeto de vida assumido por muitas pessoas que decidem sair de si mesmas para, no caminho de encontro com o outro, se reencontrarem transformadas pela experiência de migração. Indo além do entendimento da migração como problema social de opressão e injustiça (motivada pela seca, fome, cerca, catástrofes, guerras), reconhecemos nos textos bíblicos uma possibilidade de interpretação positiva e teológica que revela a condição de errante como a possibilidade histórica de escuta do chamado de Deus e do grito da terra por plenitude.

*This article presents an interpretation of the human mobility/migration as a theological decisive phenomenon of the Christian spirituality. This phenomenon is understood here as a condition to Jesus' path and as a life project assumed by a lot of people who decide to come out from themselves to, throughout the path towards the others, meet themselves transformed by the migration experience. Beyond the understanding of migration as a problem of oppression, social injustice (motivated by dries, hunger, fences, catastrophes, wars), we recognize in the biblical texts a possibility of positive and theological interpretation that reveals a condition of wandering as a historical possibility to listen the God's calling and the cry emerged from earth for life and fullness.*

### Introdução

É impressionante o número de pessoas que encontramos no mundo que vivem em eterno estado de migração, de mobilidade. As razões são as mais diversas. Faz parte da vida de muita gente andar 'errantemente' pelo mundo. Por vezes é um projeto de vida; é um movimento identitário.

---

\* Paulo Ueti, migrante por vocação, filósofo, teólogo biblista, professor de Sagradas Escrituras e Espiritualidade no Instituto de Filosofia e Teologia São Boaventura em Brasília-DF-Brasil, assessor do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, do Serviço de Intercâmbio Internacional do CEBI, assessor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (Setor de Saúde e Planejamento), membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB).

Conforme o testemunho bíblico, ser “errante” faz parte da ‘vocação’<sup>1</sup> do povo de Deus. A migração está no sangue e nos pés. A palavra errância é usada aqui preservando a ambigüidade presente em seu dizer – errância vem da própria Bíblia: em Dt 26,5 o credo faz memória-histórica de que o povo foi arameu errante (דְּבָרֵי מִצְרַיִם – lit. “prestes a perecer”) no Egito. “Andaram desgarrados pelo deserto, por caminhos solitários; não acharam cidade para habitarem.” O Sl 107,4 descreve a caminhada, a errância no deserto. Errar é ambíguo, pois pode significar o erro, o equívoco, mas igualmente esta vocação ao caminho, ao processo, ao movimento que herdamos do testemunho do povo de Deus. Errar é humano. O erro ajuda a acertar, portanto faz parte do caminho.<sup>2</sup> Em qualquer dos casos, a ‘errância’ é parte fundamental da existência e da criatividade.

Somos criados/as para existir (ser para fora, aparecer, criar). Por isso somos seres políticos (relacionais). Por isso a busca pelo outro/a (pela alteridade)<sup>3</sup> nos faz essencialmente gente que “sai para fora” em busca de algo. Não para completar-se, conforme muitos ditados populares, mas para compreender cada vez mais o mistério da existência e fazer dela uma existência ‘perfeita’, uma existência que tenha significado, sentido.

Somos inspirados/as pela canção brasileira de Luiz Gonzaga: “Minha vida é andar por este país, pra ver se um dia descanso feliz, guardando recordações, das terras onde passei, andando pelos sertões e por caminhos que lá deixei...”

### **Movimento para fora (excentricidade) – peregrinar como vocação**

Na maioria das abordagens sobre peregrinação ou migrações, encontramos reflexões e afirmações negativistas, como se a peregrinação ‘em si’ fosse algo ruim e externo à existência humana. Sempre tratamos o

---

<sup>1</sup> Vocação quer dizer **chamado**. Não deve ser confundido de forma nenhuma com habilidades ou talentos.

<sup>2</sup> Empréstimo essa reflexão sobre a errância do texto “Itinerários e errâncias erótico-sexuais na Bíblia Hebraica”, de autoria da prof. Dra. Elaine Neuenfeldt, apresentado na aula inaugural do Curso de Teologia da Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS, no dia 7 de março de 2006.

<sup>3</sup> Importa percebermos que a *busca pelo outro*, os discursos sobre a alteridade se tornaram sempre presentes no debate político e filosófico da modernidade, em especial após o massacre do holocausto. Para uma interpretação metafísica da alteridade e uma ética existencialista da condição humana desde o outro, cf. LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: Ensaios sobre a alteridade*; para uma abordagem do outro dentro da teoria política moderna e do Estado democrático de Direito, cf. HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*; e, por fim, para uma crítica pós-colonial e latino-americana a ‘imaginação’ do *outro* subalterno como efeito de poder do imperialismo colonialista da Europa, cf. DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*.

tema como se não fosse bom ser peregrino e migrante. A migração sempre é apresentada como decorrência de situações negativas: guerra, fome, catástrofes ambientais, arrocho econômico, seca, cerca.

Por isso, desde muito cedo somos educados/as a sermos pessoas “estáveis”, criarmos raízes. Pessoas que mudam muito, por exemplo, seja por qualquer razão, sempre são rotuladas de pessoas instáveis e sem raízes. Chegamos a afirmar que o ‘fim do túnel’ no caminho da busca da felicidade está em encontrar ‘estabilidade’ ou em criar raízes. Em todas as sociedades ‘estrangeiros ou peregrinos’ são tratados de maneira xenofóbica e são, normalmente, excluídos de muitos direitos sociais, econômicos e políticos. Infelizmente também na religião cristã, isso ocorreu com certa frequência.

A peregrinação, como vocação de Deus ao seu Reino, é intrinsecamente uma vocação para a indignação, para o movimento, para a busca de sempre mais. É a partir da indignação que o corpo se movimenta para desenvolver alguma ação, alguma práxis. As pessoas, seja por necessidades ou por desejo, não permanecem paradas quando decidem viver e lutar pela vida.

Indignação não equivale a discurso discordante ou a sentimento raivoso de revolta. Trata-se de indignação como práxis,<sup>4</sup> isto é, como atitude global que envolve todas as dimensões da pessoa: sentimento de ira diante da injustiça, crítica racional da “desordem estabelecida”, militância e ação engajada em vista de transformar a realidade de opressão. E chega a atingir as motivações profundas da pessoa e todo o seu sistema de valores. Ou seja, indignar-se, além de ser uma forma de sentir, de pensar e de agir, é uma forma de crer. Assim, indignar-se não é só a fonte da práxis contemporânea (filosofia e ação) em geral. Deve-se também declarar que é fonte do quefazer teológico e do jeito cristão de ser e de atuar no mundo.<sup>5</sup>

É por isso que no Novo Testamento encontramos várias vezes a presença de gente peregrina e migrante. Encontramos gente que foi chamada para fazer algo diferente, gente que foi chamada para “abandonar tudo e dedicar-se ao Reino”. Faz parte da identidade cristã a migração. Também faz parte do ‘kit vocação’ certas exigências, que conforme o evangelho vão aumentando ao longo do caminho do seguimento de Jesus.

O início da missão de Jesus – certamente ainda obscura para um galileu que optou ser *errante* pelas terras de Israel – é marcada por seu

<sup>4</sup> Interpretando Marx: “não basta contemplar o mundo, urge transformá-lo”. Cf. ENGELS, Friederich et MARX, Karl. *A ideologia Alemã*, p 103.

<sup>5</sup> GAMELEIRA, Sebastião. *Indignar-se – vocação de Deus*. Indignação como princípio da práxis cristã, p. 8.

movimento de indignação. João Batista foi preso! Esse foi o *estalo*, segundo Marcos (Mc 1, 14), para que Jesus tomasse alguma consciência de que ele ‘não poderia ficar parado’, esperando que a libertação e a liberdade caíssem do céu. Depois de lutar consigo mesmo no deserto (Mc 1, 12s), com suas dúvidas e inquietações, e acabar decidindo escutar a Deus e fazer caminho com ele, Jesus chamou algumas pessoas para formar um grupo. O encontro consigo mesmo, o encontro com a realidade violenta e injusta da prisão de João Batista, leva Jesus a descobrir sua vocação de migrante e o faz buscar companheiros/as para compartilhar sua missão. Num só movimento, Jesus radicaliza sua existência, ao jogar-se para fora de si mesmo (no deserto), para fora de sua terra e segurança (ao escolher andar por toda a Palestina pregando o Evangelho do Reino) e, por fim, ao se jogar ao encontro do *outro*, do grupo de discípulos/as recém formado. Ele não deveria e não poderia fazer sozinho o que lhe foi designado por Deus. Então constitui um grupo para segui-lo, um grupo com quem poderia compartilhar a missão e os conflitos.

É interessante notar que em todos os relatos de vocação (no NT) aparece sempre a palavra *arfenfej* (deixar para trás): Mt 4,20.22; Mc 1,18;20; Lc 5,11. A comunidade de Lucas é a mais contundente: “deixando tudo...”. Olhem estes textos abaixo sinoticamente<sup>6</sup>. Vou sublinhar somente alguns versículos, mas vale a pena ler o conjunto deles:

Mt 4,18-22	Mc 1,16-20	Lc 5,1-11
<p><sup>20</sup> Então eles, <b>deixando imediatamente as redes</b>, seguiram-no.</p>	<p><sup>18</sup> <b>E</b>, imediatamente deixando as suas redes, <b>o seguiram</b>.</p>	<p><sup>11</sup> E, levando os barcos para terra, <b>deixaram tudo</b>, e o seguiram.</p>
<p><sup>22</sup> E chamou-os; eles, <b>deixando imediatamente o barco e seu pai</b>, seguiram-no.</p>	<p><sup>20</sup> E logo os chamou. E eles, <b>deixando o seu pai</b> Zebedeu no barco com os jornaleiros, foram após ele.</p>	

O chamado de Jesus aqui é exigente e imediato. E vai se agravando, aprofundando-se. O advérbio ‘imediatamente’, utilizado nos evangelhos de Marcos e Mateus, denota muita urgência. A comunidade de Lucas,

<sup>6</sup> A leitura sinótica é a leitura horizontal (comparativa) dos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. Baseia-se na teoria das duas fontes. Marcos e a Fonte Q são as origens dos evangelhos de Mateus e Lucas, mais tardios e que devem ter copiado o evangelho de Marcos quase por completo.

continuando a reflexão já elaborada acima, parece ser a qual mais se exige, provavelmente porque sua realidade de igreja o necessitava. Lá, os que escutam o chamado de Jesus e desejam atendê-lo, têm que **deixar tudo**. Deixar tudo **para os pobres**: essa é a marca do discipulado em Lucas (Lc 14,33). Lucas me parece estar em diálogo com gente que tem posses. Ele exige dessas pessoas a darem sem esperar receber em troca. Comparando Lc com seus paralelos em Mc e Mt e perceba isso no material próprio, nos acréscimos e modificações feitas por Lucas: Lc 5,11.28 também Levi deixou tudo e o seguiu; 6,32-36.38; 7,5.40-43; 10,29-37; 11,41; 12,13-21.33; 14,15-24.33; 16,9.14.19-31; 19,8. Aqui, penso que isso não é simplesmente esmola, é dispor-se a manter a casa em que se realizavam as ceias cristãs nas igrejas domésticas do cristianismo primitivo.

No tempo do Evangelho de Mateus e Lucas (décadas de 80-90 da EC), já estamos bem longe dos primórdios da Igreja Primitiva, quando ela era mais pneumática do que institucional.<sup>7</sup> Nesta época (da redação do Evangelho de Mt e Lc) já temos uma igreja bem estruturada, com hierarquia, método, ortodoxia, exclusões, ritos e liturgia organizadas.<sup>8</sup> E com uma determinada autoridade sendo exercida e, claro, questionada por alguns grupos. Os textos do NT são testemunhas dessas discussões e descontentamentos, bem como da necessidade de se voltar aos princípios fundamentais da fé cristã: o Cristo e seu jeito de viver.

Por isso a exigência do seguimento do Cristo cresce e aprofunda-se. Não se pode ficar **parado**. Não é possível viver a fé cristã somente nas reuniões da *ekklesia* tou/ theou (Assembléia de Deus). O caminho de busca do Reino não terminou com a constituição da Igreja. Ao contrário, é necessário, mais do que nunca, continuar peregrinos no mundo.<sup>9</sup>

Vamos dar uma olhada em mais dois textos. Não encontramos texto paralelo no Evangelho de Marcos, o que nos informa de que a necessidade de cobrar uma atitude diferente da Igreja de Mt e Lc era maior.

<sup>7</sup> Uma comunidade marcada pela força do Espírito de Deus. Para um aprofundamento, ler HOFFMANN, Paul. *A herança de Jesus e o poder na Igreja*. Reflexão sobre o Novo Testamento.

<sup>8</sup> Vale a pena aqui fazer um estudo da questão da 'evolução dos conflitos em torno da Eucaristia, por exemplo, para verificar como os problemas vão se agravando e novas perguntas (e novas situações, obviamente) vão surgindo. Para um aprofundamento: ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*; GIRAUDDO, Cesare. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia.

<sup>9</sup> Para um maior aprofundamento: ELLIOTT, John. *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro; NOGUEIRA, Paulo. *Como ler as cartas de Pedro*. O evangelho dos Sem-Teto; HOONAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração*, p. 100-130.

Mt 8,18-22	Lc 9,57-40
<p><sup>18</sup> E Jesus, vindo em torno de si uma grande multidão, ordenou que passassem para o outro lado;</p> <p><sup>19</sup> E, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, aonde quer que fores, eu te seguirei.</p> <p><sup>20</sup> E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.</p> <p><sup>21</sup> E outro de seus discípulos lhe disse: Senhor, permite-me que primeiramente vá sepultar meu pai.</p> <p><sup>22</sup> <b>Jesus, porém, disse-lhe: Segue-me, e deixa os mortos sepultar os seus mortos.</b></p>	<p><sup>57</sup> E aconteceu que, indo eles pelo caminho, lhe disse um: Senhor, seguir-te-ei para onde quer que fores.</p> <p><sup>58</sup> E disse-lhe Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.</p> <p><sup>59</sup> E disse a outro: Segue-me. Mas ele respondeu: Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai.</p> <p><sup>60</sup> <b>Mas Jesus lhe observou: Deixa aos mortos o enterrar os seus mortos; porém tu vai e anuncia o reino de Deus.</b></p> <p><sup>61</sup> Disse também outro: Senhor, eu te seguirei, mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa.</p> <p><sup>62</sup> E Jesus lhe disse: <b>Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus.</b></p>

Mt 10,37-39	Lc 14,26-27
<p><sup>37</sup> Quem ama <b>o pai ou a mãe</b> mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama <b>o filho ou a filha</b> mais do que a mim não é digno de mim.</p> <p><sup>38</sup> E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim.</p> <p><sup>39</sup> Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, acha-la-á.</p>	<p><sup>26</sup> Se alguém vier a mim, e não odeia a seu <b>pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs</b>, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.</p> <p><sup>27</sup> E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo.</p>

O seguimento de Jesus e a vida pelo Reino é uma vida peregrina, de aventuras, de inseguranças (econômica: deixar barco, política: deixar o lugar; família: pai). Neste sentido, a vida dos nossos antepassados se torna modelo de fé e de caminho de construção de novidades. Como diz São João da Cruz, “a fé é um pulo na noite escura”.

A noite sempre provoca medo em nós, mas também esperança, porque sabemos que depois da noite virá a luz, que preenche o coração de alegria e de vida. A noite é caminho obrigatório para

todos os que se sentem chamados a buscar e a encontrar o Senhor. Ele é luz e não pode ter mistura de trevas; Ele é vida e não pode ter a presença da morte; Ele é amor e nunca pode estar misturado com o desamor. Quem busca Deus não pode ter medo dos sofrimentos, nem da dor e nem da noite, mas ter o seu espírito dirigido ao mais difícil: Procure sempre inclinar-se não ao mais fácil, senão ao mais difícil. Não ao mais saboroso, senão ao mais insípido. Não ao mais agradável, senão ao mais desagradável. Não ao descanso, senão ao trabalho. Não ao consolo, mas à desolação. Não ao mais, senão ao menos. Não ao mais alto e precioso, senão ao mais baixo e desprezível. Não a querer algo, e sim, a nada querer. Não a andar buscando o melhor das coisas temporais, mas o pior; enfim, desejando entrar por amor de Cristo na total desnudez, vazio e pobreza de tudo quanto há no mundo.<sup>10</sup>

Ser peregrino e migrante não é simplesmente um resultado das contingências negativas que a realidade nos impõe. A migração, a mobilidade é uma opção de vida de muitas pessoas no mundo, por causa de algo mais do que elas mesmas, é uma opção excêntrica, por isso muitas vezes não compreendida e combatida. Precisamos rever nossos conceitos e discursos sobre 'estabilidade' e criar raízes.

Um dos votos religiosos dos monges e monjas beneditinas é o voto de estabilidade. "No oratório, diante de todos, prometa o que vai ser recebido: a sua estabilidade e conversação<sup>11</sup> de seus costumes, e a obediência, diante de Deus e de seus Santos<sup>12</sup>..."<sup>13</sup> A 'estabilidade' é

<sup>10</sup> Cf. [http://www.comunidadesshalom.org.br/formacao/santos/joao\\_cruz.html](http://www.comunidadesshalom.org.br/formacao/santos/joao_cruz.html) .

<sup>11</sup> Aqui se faz um trocadilho com a palavra '*conversatio*' e '*convertio*'. A conversão só é possível na conversação, no diálogo e na relação permanente das pessoas na comunidade. Ninguém converte ninguém e ninguém se converte sozinho. É necessário que alguém vá junto no caminho de volta, dialogando e se relacionando mutuamente. Não basta apontar o caminho. Com esta atitude, de apontar o caminho, está se dizendo que a pessoa que aponta não está nele. Se a pessoa está no caminho e deseja que outros/as caminhem com ela, então a atitude de 'conversão' é a atitude de 'conversação', ou seja, é a atitude de ir até esta outra pessoa e pegar em sua mão para caminharem conjuntamente.

<sup>12</sup> Santos aqui é entendido também como todos e todas aqueles/as que foram chamados ao caminho de Deus e que aceitaram tal chamado, marchando em direção ao Reino. Pelo batismo todos/as são santos e santas, ou seja, pessoas separadas para a '*diakonia*' (serviço) de Deus. Por isso oramos todas as vezes no Credo Apostólico e Niceno-constantinopolitano: ... Creio na comunhão dos Santos, que quer dizer que "creio na comunhão de todos/as aqueles/as que estão no mesmo grupo e caminho que eu". Para um maior aprofundamento: SESBOÛÉ, Bernard (direção). *História dos Dogmas. Tomo I: O Deus da Salvação. A tradição, a regra de fé e os símbolos. A economia da salvação. O desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico*; ALTMANN, Walter (org). *Nossa fé e suas razões*.

<sup>13</sup> Conforme Regra de São Bento, capítulo 58, que trata do modo de receber os irmãos na comunidade. É interessante notar que o voto de estabilidade está intimamente conectado com o de 'conversação' de costumes. A estabilidade aqui pode ser entendida não somente como permanência num mesmo lugar físico, mas como permanência no caminho para Deus ("Que haja solicitude em ver se procura verdadeiramente a Deus...", conforme a mesma Regra no mesmo capítulo).

entendida como opção cotidiana de permanecer no caminho do Reino, opção de permanentemente continuar em movimento, em marcha (heb.: *yrva*<sup>14</sup> e gr. *Makaríoi*) e não somente ficar preso a um único lugar físico, criar raízes.

O movimento de Jesus em primeiro lugar se alicerça na livre opção de não viver em função do dinheiro e do lucro: 'Não se pode servir a dois senhores. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro' (Mt 6,24). O traço judaico também aparece forte. Jesus iniciou sua vida pública pregando nas sinagogas e era considerado um rabino (mestre) pelo povo.<sup>15</sup>

É um movimento que surge num momento histórico de dominação romana, presente na Palestina desde o ano 63 a.E.C. A situação política no começo do século está razoavelmente controlada com uma certa paz aparente (a Pax Romana). O que se agravou foi a situação social das pessoas no império. A pobreza cresceu e marcava a vida da maioria das pessoas. Na Palestina, pode-se perceber isso especialmente na região da Galiléia. Os camponeses naquela região eram chamados de '#rah'~ [ (povo da terra).

Este movimento não tinha muito de revolucionário, no sentido estrito da palavra. Jesus e seu grupo, na verdade, estavam mais interessados em fazer um movimento de volta (arrepender-se) às origens da religião judaica, que havia se tornado, para determinados grupos, um tanto legalista e normativa demais. A graça e a misericórdia de Deus haviam perdido lugar para as normas e a observância *incontesti* da Lei. Esse movimento foi bem representado por João Batista e pelos profetas antes dele.

Neste período Jesus tornou-se aos olhos do povo em geral um milagreiro, um exorcista, alguém que foi considerado capaz de liderar a população pobre na direção da felicidade. A expectativa messiânica estava muito presente desde os tempos dos profetas. Deveria surgir um novo Davi que iria restaurar o Reino e devolver à Deus o governo de tudo. Jesus foi confundido com este tipo de messias, inclusive pelos próprios discípulos (Mc 8, 27-31; Lc 24, 13-35). Jesus foi alguém que conseguiu juntar algumas pessoas (muitas na verdade, especialmente depois do seu

---

<sup>14</sup> Nas Bíblias em línguas modernas sempre é traduzido como "Bem-aventurados" ou "Felizes". A palavra hebraica que está por detrás deste vocábulo é *yrva*: (asheray), que pode ser traduzido por "em marcha" ou "caminhe". Isto significa, hermeneuticamente falando, que podemos compreender que a felicidade significa estar em movimento, caminhando. Deve ser por isso que, no testemunho da tradição espiritual judaico-cristã o contrário da 'fé' é o 'medo'. O medo é uma experiência de desumanização. Ele provoca incapacidade de ver a realidade, provoca congelamento do corpo e da mente e, como produz muita adrenalina, ele retira temporariamente a sensibilidade no corpo. A insistência de Jesus é muito grande para que a comunidade "não tenha medo" (Mt 14,27; 17,7; 28,5; Mc 6,50) e para que tenha ânimo/"fé", aqui entendida claramente como "tenha coragem", continue em marcha (Mt 9,2; 9,22; 14,27; Mc 6,50; 10,49; Lc 8,48; Jô 16,33).

<sup>15</sup> HOORNAERT, Eduardo. *O movimento de Jesus*, p. 90-91.

assassinato/morte) que aceitaram fazer uma ‘aventura’ em direção a uma melhora de vida e a seus direitos. Queriam e decidiram ser felizes. Tornaram-se migrantes como opção fundamental da vida: não ter nada para si mesmo. Viver a itinerância e a errância como conteúdo e forma da vida toda.

As comunidades que escreveram os evangelhos guardaram bem esta confusão e o conflito que isto causou na sociedade e na comunidade dos discípulos e discipulas de Jesus. Por um lado, as autoridades romanas estavam cada vez mais preocupadas com a popularidade crescente de Jesus. As autoridades judaicas também não ficavam atrás. Os discípulos e discipulas não compreendiam o projeto de paz de Jesus. O conflito crescia a cada dia.

Jesus era alguém que chamava a atenção tanto pelas palavras que proferia, pois ele as dizia com “autoridade”, quanto pelas ações que realizava: milagres, curas, aproximação de impuros e impuras etc. Numa sociedade onde o esquema do puro-impuro era uma dura realidade e onde o que se transmitia não era a pureza e sim a impureza, Jesus tem a coragem de mostrar o contrário. Ele anda de povoado em povoado para revelar a verdadeira face de Deus: graça e misericórdia. Veio retomar com o povo e com as autoridades o sentido real da Aliança feita com Abraão e seus descendentes, com Adão e toda a humanidade. Uma mulher que há doze anos sofria de hemorragia tocou no manto de Jesus. Uma força saiu dele e ela ficou curada. Não foi Jesus que ficou impuro (doente) mas a mulher (doente) que “purificou-se” (Mc 5,25-34).

Esta proposta de mudança e, de certa forma, de reforma do judaísmo chamou a atenção de muita gente na Palestina, na sua maioria os pobres que caminhavam perambulando pelas estradas ou fora das cidades. Os que a sociedade romana e uma parte das autoridades da religião judaica marginalizavam, tornaram-se os preferidos de Deus para manifestar sua glória e seu poder (Jo 8).

Hoornaert nos informa que da leitura dos evangelhos percebemos que diversas aldeias da Galiléia devem ter reagido negativamente diante dos missionários itinerantes de Jesus e chegaram a expulsá-los (Mt 10,8). A orientação no caso era a de que eles se dirigissem diretamente aos desclassificados, publicanos e prostitutas, seguindo seu exemplo (Mt 9,10-13). O mundo desses primeiros “apóstolos” (enviados/as) era o da migração constante e, portanto, da marginalidade. A vida missionária os/as absorvia por completo.

Esta opção de Jesus, manifestação da vontade e do carinho especial de Deus, teve seu preço: a marginalidade dele e de seu grupo. Aos poucos ficara perigoso andar desprevenido ou em certas localidades. Era necessário um certo sigilo – “não diga nada a ninguém” – Jesus e seu grupo passaram a andar pelas margens das cidades. A hostilidade das autoridades romanas

e judaicas levou o grupo de Jesus a se fortalecer cada vez mais. Jesus então quase que institucionaliza um movimento missionário, de pessoas “enviadas” (apóstolos/as) por Deus para anunciar uma mensagem nova, não de calamidade, mas de alegria e, sobretudo de esperança.<sup>16</sup>

Para citar novamente o Novo Testamento, encontramos alguns textos que possam identificar a origem do movimento de Jesus. Poderemos encontrar os seguintes, que são centrais para entender isso: Mc 6,7-13; Lc 10,1-12; Mt 10 e o sermão da montanha de Mt 5-7.

A primeira impressão que fica de uma leitura desses textos é a da extrema radicalidade da vida missionária que Jesus instaura e à qual chama seus discípulos assim como as mulheres que o acompanhava. ‘O enviado’ ou a ‘enviada’ têm que se libertar dos laços que normalmente prendem as pessoas a uma vida socialmente situada, laços de sangue, terra, família, posse, status, segurança. O apóstolo se situa livremente à margem da sociedade, como fará mais tarde o peregrino medieval, acompanhado apenas do bastão, da mochila e de um cachorro, longe dos castelos e das habitações confortáveis. As exigências do apostolado de Jesus são extremas, quase desumanas. Os apóstolos têm que viver na mais absoluta pobreza, dependendo do que recebem nas comunidades por onde passam e onde pregam a palavra do evangelho. ‘O operário é digno de seu sustento’ (Mt 10,10). A frase exprime por assim dizer a ‘constituição’ do movimento de Jesus. Pão sim, dinheiro no bolso não. Comensalidade em troca da pregação do evangelho. O missionário presta dois serviços às comunidades: ele cura os doentes e anuncia o reino de Deus. Com isso percorre as aldeias e sítios da Galiléia. Seu serviço é gratuito, o prêmio é a comensalidade e a hospitalidade (Mt 10,8).<sup>17</sup>

Podemos concluir também que o movimento de Jesus é basicamente um movimento que depende do deslocamento dele e de seus discípulos e discípulas. Jesus percorria toda a Galiléia e foi para a Judéia pregando, curando e somando membros para o seu grupo. Essa radicalidade da proposta de Jesus fazia com que as pessoas optassem livremente por se tornarem migrantes sem lar e sem família consanguínea. Depois de entrar para o movimento, o lar era a estrada e a família era constituída por pessoas que se conheciam no caminho. “Sua mãe e seus irmãos chegaram até ele, mas não podiam abordá-lo por causa da multidão. Avisaram-no então: ‘Tua mãe e teus irmãos estão lá fora, querendo te ver’. Mas ele respondeu: ‘Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática’” (Lc 8,19-21).

<sup>16</sup> Cf. THEISSEN, GERD.

<sup>17</sup> HOONAERT, Eduardo, *op. cit.* p. 87-88.

Frei Mingas, dominicano da Cidade de Goiás-GO, soube bem expressar no seu poema a realidade deste movimento de saída, de êxodo e de libertação:

Peregrino nas estradas de um mundo desigual  
Espoliado pelo lucro e ambição do capital  
Do poder do latifúndio enxotado e sem lugar,  
Já não sei pra onde andar...  
Da esperança eu me apego ao mutirão

Sei que Deus nunca esqueceu dos oprimidos o clamor  
E Jesus se fez do pobre solidário e servidor  
Os profetas não se calam denunciando a opressão  
Pois a terra é dos irmãos...  
E na mesa igual partilha tem que haver.

Pela força do amor o universo tem carinho  
E o clarão de suas estrelas ilumina o meu caminho  
Nas torrentes da justiça meu trabalho é comunhão  
Arrozais florescerão ...  
E em seus frutos liberdade colherei.

### **A opção pela migração gera (des)encontros**

Os estrangeiros e peregrinos aparecem sempre nos diferentes contextos. De acordo com os evangelhos, Jesus e seus discípulos e discípulas levavam uma vida pública de pregadores itinerantes (Lc 9,1-6; 9,57-63). Como disse anteriormente, eles aceitaram voluntariamente a condição de sem-casa e deixaram suas famílias e outras obrigações sociais (Mc 1,17-19; Lc 5,11; Mt 4,20) para pregar o Reino de Deus (Mt 13) e revelar a Misericórdia do Pai (Lc 15). Conseqüentemente, eles dependiam da hospitalidade daqueles que encontram pelos caminhos, nas cidades e povoados (Lc 9,4-5), os quais poderiam ser simpáticos e recebê-los (aí ganhariam a saudação da paz) ou recusá-los (aí ganhariam o bater até o pó das sandálias). A situação de estrangeiros, peregrinos, passantes era muito comum naquele contexto. Não é de se admirar que muitas imagens para revelar o Reino de Deus são constituídas com estes personagens e normalmente em torno a uma festa, a uma mesa farta, onde Deus é representado como o hospedeiro, o anfitrião. A hospitalidade é vista como a suprema expressão da aliança com Deus. Deve-se imitar a Deus na sua graça em amar e acolher os migrantes que necessitam de suporte para continuar a caminhada. Isto passou para a tradição eclesial das Igrejas Cristãs até hoje. Para a regra de São Bento, por exemplo, acolher o peregrino é acolher o próprio Cristo. Esta espiritualidade tornou-se critério fundamental para saber como reconhecer quem é de Jesus e quem não é (Mt 25).

Dentro do movimento de Jesus, e naquele contexto cultural e religioso, um aspecto importante da tradição judaica, que os cristãos/ãs herdaram, é a hospitalidade e o cuidado com o estrangeiro e com o pobre (Dt 15,7-11). Acolher o estrangeiro e o peregrino! Cuidar dele! Oferecer-lhe pão e água, abrigo e uma palavra boa. “Já é tarde, fica conosco!” (Lc 24,29). Aqui retomamos a ordem de Deus no capítulo 2 do livro do Gênesis. Deus pede à humanidade para “guardar e cultivar a terra”, para cuidar dela como casa comum onde “todas as criaturas que respiram possam louvar ao Senhor” (Sl 150).

O império romano era um estado cosmopolita. Dentro de suas enormes fronteiras, a cultura helênica pôde desenvolver-se sem encontrar nenhum obstáculo. A língua falada em quase todo o império era o Koiné (uma versão popular do grego clássico). A cultura helenística tinha seu lugar nas cidades do império onde se concentravam o comércio e o trânsito, possibilitando a aquisição de riquezas e o desenvolvimento de uma vida de bem-estar. Cada cidade procurava destacar-se das outras. Praças públicas, esportes, templos, aquedutos e termas faziam a diferença. O Coliseu, em Roma, era o anfiteatro mais famoso do império. Muita gente corria para dentro de seus muros para assistir e delirar com as lutas dos gladiadores entre si e contra animais ferozes.<sup>18</sup>

De vez em quando, se realizavam censos populacionais em diversas partes do império, com o intuito de melhor controlar a economia e a arrecadação tributária. No início do primeiro século os tributos que pesavam sobre a população, especialmente no campo, chegavam ao total de quase 60% da produção. Esta situação foi gerando gradativamente uma massa de pobres em todas as regiões do império, o que causava preocupação entre a corte e o exército.

A produção e a economia baseavam-se no trabalho escravo. Neste contexto, os escravos não eram considerados pessoas, mas coisas de que seu dono podia dispor conforme lhe conviesse, comprando-os e vendendo-os, castigando-os e tratando-os como bem entendesse. O direito romano previa, porém, certas limitações, proibindo formas brutais de maus tratos. Por exemplo, somente os juízes poderiam determinar a condenação à morte a um deles.

O número de escravos era muito grande no império, especialmente devido às guerras que se realizavam. Os escravos, portanto eram pessoas que migravam bastante. Vinham de terras distantes, eram separados de suas famílias. Eram vendidos ou fugiam, como foi o caso de Onésimo (Fm 15-20).

---

<sup>18</sup> LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*.

Esta realidade do império, aliada a grande facilidade das viagens devido ao comércio e às estradas gerou um movimento de migração temporária ou definitiva de muita gente. Aqui nos interessa especificamente como isso se deu dentro do movimento messiânico de Jesus e, posteriormente, na expansão e constituição das igrejas cristãs nas diferentes partes do império.

### **Os cristianismos originários – missão e migração**

O cristianismo cresceu e se expandiu após a ressurreição de Jesus na Palestina. Os discípulos e discípulas foram enviados pelo próprio Jesus para todas as nações para pregar a Boa Notícia do Reino e revelar a Misericórdia do Pai. Foram enviados/as para batizarem todos os povos, isto é, fazê-los mergulhar neste mistério do amor e da felicidade proposta por Deus para a humanidade toda, que se revela de forma diferenciada em cada realidade e cultura.

Aqui temos uma importante mudança de contexto. A Igreja de Jerusalém, fundada sob as pilastras de Pedro, João e Tiago, já não abarcavam mais toda a riqueza e a demanda que o movimento de Jesus criou. Por ser a comunidade majoritariamente judaica, isto conflitou com as propostas mais abertas de Jesus que também se dirigiam aos que não eram judeus. Enfatizou-se muito nesta comunidade a aplicação e a observância da Lei de Moisés para garantir a salvação e a pertença a Deus. Muitos e muitas, vindos de outras regiões e outras tradições religiosas que ingressaram na comunidade, já não encontravam mais espaço e o desconforto era crescente. Paulo e Barnabé foram as figuras expoentes deste grupo.

Outra mudança foi do campo para a cidade. O movimento de Jesus iniciou-se com gente do campo, nas cidades pequenas no interior do seu país. Agora, a expansão das comunidades atinge os grandes centros, as grandes cidades. Novos desafios surgem. Novas perguntas aparecem. Como anunciar o evangelho neste novo contexto?<sup>19</sup>

O trabalho missionário dos apóstolos e apóstolas encontra-se nas Cartas de Paulo às comunidades e em Atos dos Apóstolos (quase que na verdade Atos de Pedro e Paulo). Estes textos descrevem com detalhes como a Boa Nova foi se espalhando e criando comunidades (Igrejas) nas várias regiões do império. Esta nova instituição que surge – a Igreja – vai se

---

<sup>19</sup> Para maior aprofundamento: *Revista Estudos Bíblicos*, n. 36 (Deus na Cidade. A pastoral urbana), 39 (Anunciar Jesus Cristo: como?), 41 (Evangelho e Culturas), 61 (A Bíblia na mutação cultural).

tornando aos poucos o lugar do encontro de todos e todas. É a nova casa para os que não tem casa. É a nova família para os que perambulam e abandonam tudo para seguir o crucificado.

Este ímpeto missionário parece ter contagiado mais e mais gente das comunidades. Por um lado, precisamos considerar que, pelas facilidades de viajar que o império oferecia, seja pelo transporte marítimo ou pelas estradas, vários grupos de cristãos foram surgindo independentemente da atuação missionária de Paulo e seus auxiliares, dentre eles várias mulheres. Por outro lado, dentro do império, com o agravamento da situação social e econômica, estes grupos foram se tornando referências para algumas pessoas que viajavam constantemente pela sua espiritualidade e vida fraterna.

As comunidades cristãs se tornaram uma grande experiência de cidadania. No império, para ser cidadão (ter plenos direitos como gente), era necessário ou comprar ou herdar este direito. Obviamente esta não era a realidade da maioria das pessoas. E as igrejas tornaram-se então um espaço onde todos e todas eram considerados iguais.

Paulo escreve aos Gálatas, o que se tornou posteriormente uma fórmula batismal:

Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um em Cristo Jesus. E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa (Gl 3,26-28).

Muitos grupos nasceram em torno das palavras e da vida de Jesus e por isso não se pode mais dizer que há apenas um cristianismo. É mais apropriado usar o termo no plural: cristianismos. Vamos ter o que se chama de cristianismo asiático, palestinese, sírio e egípcio e o do mediterrâneo ocidental. Apesar das diferenças teológicas e de interpretação das Palavras e da Vida de Jesus, todas as igrejas cristãs mantiveram a essência do movimento iniciado por Jesus. Jesus veio para anunciar o Reino e revelar novamente a Misericórdia de Deus. O reinado de Deus, antes compreendido como um espaço geográfico e uma determinada situação política e econômica, foi dando espaço para uma compreensão um pouco mais escatológica e militante: já é, está, mas ainda não... As comunidades eram, de certa forma, uma experiência do reinado de Deus. "Felizes os pobres em espírito, pois deles é o Reino de Deus" (Mt 5,3). Felizes aqueles que se deixaram governar pelo poder de Deus e não do império. "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (Mc 12,17).

Nas comunidades havia espaço para todos. Num primeiro momento da vida delas, os ministérios não eram privilégio masculino. Apesar dos

conflitos, as mulheres ainda garantiam seu espaço na linha do discipulado. Os pobres eram atendidos. Os diáconos e diaconisas, no início, eram os/as responsáveis por esse atendimento.

Encontramos vários textos onde a comunidade (igreja) é apontada como o espaço da vida e da ressurreição. O episódio da filha do chefe da sinagoga (Mc 5,21-43; Mt 9,18-26; Lc 8,40-56) é um bom exemplo: é dentro da casa (oikos – designação do lugar onde os cristãos e cristãs normalmente se reuniam) que acontece o reavivamento da menina. A presença de sete pessoas dentro da casa, o toque de Jesus, a Palavra de Jesus são sinais da força de vida que a comunidade cristã possui agora para estes grupos que se reúnem em torno do crucificado. Ainda a conversão de Paulo, relatada por At 9,1-19a: foi necessário Barnabé e a comunidade (e os três dias) para que Saulo, depois Paulo, recuperasse a visão.

A primeira carta de Pedro é um texto exemplar para nosso assunto. A carta é fruto de uma conjuntura de conflito, de perseguição e insegurança para os cristãos que moram na diáspora: “aos estrangeiros da Dispersão” (I Pd 1,1) da região da Ásia Menor e aos “peregrinos e forasteiros deste mundo” (I Pd 2,11). “Temos aí os primeiros elementos que nos colocam frente a uma realidade paradoxal: estrangeiros, mas eleitos”<sup>20</sup>. Nesta nova realidade, “vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa, vós que outrora não éreis povo, mas agora sois Povo de Deus, que tinham alcançado a misericórdia, mas agora alcançastes a misericórdia” (I Pd 2,9-10). “O termo grego usado indica uma condição de estrangeiros sem chances de conquistar o direito da cidadania”.<sup>21</sup>

Esses estrangeiros, mas eleitos, destinatários da carta, são fruto não apenas da urbanização da região, mas também trazem a marca dos conflitos internos, dos diferentes grupos étnicos presentes na região, que contendem entre si e rivalizam com o recém formado grupo dos cristãos, que certamente não representa ainda um número significativo na sociedade romana.

A carta de Pedro é um convite à resistência e a buscar alternativas concretas para a realidade da migração e da pobreza. A comunidade cristã é chamada a ser uma nova casa para todos e todas.<sup>22</sup> É chamada a exercer

<sup>20</sup> GASS, Ildo Bon. *Eu faço a cidade e não moro*, p. 47.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> Importa percebermos que também nos Evangelhos encontramos sempre presente a apresentação da casa como o novo lugar de encontro das pessoas e da ação misericordiosa (e ressuscitante) de Deus. A casa e o novo jeito de organizá-la deu-se em paralelo e em oposição a organização das sinagogas após a destruição do templo. A casa, ao contrário das sinagogas, deveria ser o lugar de acolhida de todos e de cura/ressurreição. Cf. o relato (presente nos três Evangelhos sinóticos) da cura da filha de Jairo, Talitha-Kun (Mc 5, 21-43)

sua vocação de ser espaço de acolhida e de ressurreição. “Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, constituí-vos em um edifício espiritual, dedicai-vos a um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo” (I Pd 2,5).

Este novo sem dúvida nascia ao redor da mesa da ceia realizada nas casas (*oikoj*) cristãs que formavam a “casa de Deus” (*oikou tou/qeou*). “A igreja doméstica – igreja nas casas – fornecia o espaço para a pregação da palavra, para o culto, e também para a partilha de mesa social e eucarística. A existência de igrejas domésticas pressupõe que alguns cidadãos até certo ponto bem de vida – que podiam oferecer o espaço e recursos econômicos para a comunidade – juntaram-se ao movimento cristão.”<sup>23</sup>

Estas casas foram fundamentais para a difusão do cristianismo por todo o império romano. Foi a experiência da ceia realizada nas igrejas domésticas que fez o cristianismo crescer como uma bola de neve a ponto de estremecer as bases do império romano.<sup>24</sup>

### **Migrações – desejo de vida, compromisso com a felicidade**

A mobilidade humana é uma realidade, presente em todas as sociedades e mesmo em qualquer tempo histórico. De fato, há muitas maneiras de deslocar-se seja de modo provisório, ocasional ou permanente. Os indivíduos e alguns grupos humanos podem colocar-se em movimento de modo espontâneo ou forçado, mas sempre que o fizerem, isto não se dará de forma aleatória ou sem explicações. Em cada processo de deslocamento, as pessoas e/ou os grupos tecerão interpretações marcadas pelo confronto entre a realidade que vivem e o imaginário que carregam.

No contexto das migrações, podemos falar de um amplo processo de re-elaboração da identidade daquele que migra, descoberta da diversidade (o mundo do outro aonde se chega) e busca de um lugar social no novo ambiente. Nada disto acontece sem profundas modificações na cosmovisão (visão de mundo) e nas utopias.

As pessoas quando vivem a migração têm diante de si um mundo novo a ser conhecido, um ou mais modos das pessoas serem e viverem em sociedade. Muitas vezes, o novo ambiente não é muito hostil, mas quase sempre é longo o processo de adaptação ao novo contexto. Os migrantes levam consigo a imagem de que “lá vai ser melhor”. A maioria

<sup>23</sup> FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher* - Uma nova hermenêutica, p. 210-211.

<sup>24</sup> DIETRICH, Luiz. *1 Pedro: comunidade cristã, caminho para cidadania* (Artigo não publicado).

das pessoas que estão em movimento – na migração – constrói para si e para os que vão junto com elas as imagens da melhoria e da esperança de alcançar felicidade.

E com esse objetivo, elas se colocam no caminho. Não há certezas... “o caminho se faz caminhando”. E no caminho, o alimento diário não é só físico, mas encontra-se no mundo das relações, projeções e sonhos. Por isso sonhar é fundamental para a existência humana e, quanto mais incertezas possuímos na vida, mais sonhos somos capazes de ter e, muitos deles, capazes de fazer realidade. Ter certeza de algo é como que ‘encerrar um processo, impedir um diálogo’. A pergunta que o gato de botas fez para Alice no País das Maravilhas quando ela se perdeu e perguntou qual o caminho certo é a pergunta que todos os migrantes, mesmo inconscientemente, fazem para si mesmos a vida toda: “Para onde você quer ir? O que você quer fazer?”<sup>25</sup>

Perdeu-se em demasia a capacidade de sonhar e de buscar suas utopias, se é que elas existem em seus corações. Atualmente na sociedade tecnocrata e tecnológica tudo está pronto. É uma sociedade feita somente para algumas pessoas serem considerados gente. A grande maioria da população está fora desse mercado e de outras formas de inclusão, mas ainda assim, continua sobrevivendo e vivendo de alguma forma a felicidade para a qual foram destinados pelo Divino Criador.

É um crime, uma grande violência, tirar do povo a capacidade do sonho. Contudo, os poderosos não conseguem apagar a chama que fumeja, não conseguem impedir que o grito das vítimas seja ouvido por Deus e alimentem a resistência e a luta de libertação. Os sonhos e as utopias dos pequenos permaneceram. As conquistas, às vezes pequenas como o grão de mostarda, e aparentemente sem muita grandeza, continuam acontecendo.

Zé Vicente e tantos poetas do sonho e da alegria podem cantar juntos:

Eu quero ver, eu quero ver acontecer.  
Um sonho bom, sonho de muitos, acontecer.

Sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão  
Sonho que se sonha juntos, é sinal de solução  
Então vamos sonhar companheiros  
Sonhar ligeiro, sonhar em mutirão.

<sup>25</sup> Para um maior aprofundamento confira: ARAÚJO, Henry. *Especificidades da Literatura Infantil*; BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise nos contos de fadas*; FRANZ, Marie. *A Interpretação dos Contos de Fada*. FRANZ, Marie. *A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas*; GIGLIO, Zula. (org.). *Contos Maravilhosos: Expressão do Desenvolvimento Humano*; THOMPSON, Clara. *Evolução da Psicanálise*.

## Igreja: “edifício espiritual” – uma espiritualidade da hospitalidade

As comunidades cristãs têm um papel fundamental e uma vocação inerente a sua existência de manter vivos os sonhos e as utopias. Elas são o alimento espiritual que impulsiona a vida de todos os que por ela passam ou dela participam. Isto é a força criadora e renovadora do Espírito Santo de Deus. Por isso ele é sempre invocado como Pai dos Pobres, Consolador, Doador de dons, Fogo inflamador.

Nestas casas/comunidades, ao redor da mesa, as pessoas reencontravam sua dignidade ao partilhar a comida como irmãos e irmãs, sem distinção entre senhor e escravo, rico e pobre, mulher e homem, gentio e judeu. Plínio em sua carta inclusive menciona, como exemplo dessa nova ‘cidadania’, duas escravas que eram “ministras” na comunidade cristã.<sup>26</sup>

“A falta de uma hierarquização faz mal aos romanos. As distinções de categoria, origem, riqueza, condição social, e legal são a própria base do sistema cultural e político de Roma... Isto significa que estas escravas para o mundo secular podiam ser ministras para homens livres e também cidadãos romanos, qualquer que fosse o seu ministério, dentro da comunidade eclesial”.<sup>27</sup>

E desta prática experienciada na ceia comunitária originava-se uma ética que devia invadir todas as relações das pessoas e transformar todas as outras instâncias da vida das pessoas. A carta tem o intuito de encorajar os seus leitores eleitoras a manterem esta prática. Devem estar “sempre prontos para dar a razão da esperança” que possuíam (3,15).<sup>28</sup>

Continuando a olhar o Novo Testamento, quero refletir sobre um texto de Lucas<sup>29</sup> e da Primeira Carta de Pedro.

No texto de Lucas temos o episódio conhecido de Jesus que visita Marta e Maria. Aqui parece claro, apesar das interpretações comuns, de que estamos falando de duas coisas fundamentais:

---

<sup>26</sup> MÍGUEZ, Nestor. “Cristianismos originários: Galácia, Ponto e Bitínia”, in *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana*, n. 22, p. 103 e 106.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 102-103.

<sup>28</sup> DIETRICH, Luiz. *1 Pedro: comunidade cristã, caminho para cidadania*. (Artigo não publicado).

<sup>29</sup> Lucas escreve para uma comunidade urbana com muitos conflitos sociais, dentre os quais a questão da migração forçada, mas também a incompreensão de muitos membros da igreja sobre a verdadeira e fundamental vocação dela. Parece que as comunidades estavam esquecendo de quem visita quem. Não é o povo que tem que visitar Deus e realizar ritos e cumprir preceitos para que Deus os/as aceite em sua casa. É exatamente o contrário: é urgente lembrar que é Deus quem primeiro visita seu povo (Lc 1,78; 10,38-42).

1. É Deus quem visita seu povo primeiramente, para nos encontrar onde nós estamos, e do jeito que vivemos. Por isso é que Jesus é que se achega primeiro, não para indicar o caminho por onde devemos seguir, mas para nos levar junto com ele para o caminho que ele segue.

2. É nossa a missão de acolher bem, de ser hospitaleiros/as com os visitantes que chegam a nossa porta. Na tradição beneditina quando um estrangeiro/hóspede chega ao mosteiro deve ser “recebido como o Cristo, pois Ele próprio irá dizer: ‘Fui hóspede e me recebestes’. E se dispense a todos a devida honra, principalmente aos irmãos na fé e aos peregrinos... Em todos os hóspedes que chegam e que saem, adore-se, com a cabeça inclinada ou com todo o corpo prostrado por terra, o Cristo que é recebido na pessoa deles”.<sup>30</sup>

Jesus é recebido (*upedexato*) por Marta ‘em sua casa’.<sup>31</sup> Provavelmente Marta tinha um papel importante de coordenação na igreja de Lucas.<sup>32</sup> Temos aqui também, no final do verso 38 do capítulo em questão,

um outro significativo termo é o verbo *upedexato*, ‘acolheu-o’. É a forma composta do verbo *dekomai*, ‘recebê-lo’, denotando hospitalidade, um valor crucial em todos os lugares do mundo antigo. Isto toma ainda mais significado como um ministério cristão daqueles/as engajados/as no trabalho apostólico dos evangelistas itinerantes (Lc 9,5.48; 10,8.10; At 17,7). A importância que Lucas dá ao ministério da hospitalidade é evidente, o verbo em questão ocorre muito frequentemente nos dois volumes de sua obra (21 vezes) e no restante do Novo Testamento (24 vezes).<sup>33</sup>

Por que será que Maria “escolheu a melhor parte”? Mesmo que aqui tenhamos uma discussão sobre tipos de ministérios, prefiro optar aqui por reconhecer que ela escolheu deixar o peregrino (Jesus) entrar, tomar conta de sua atenção completamente e encontrá-la do jeito que ela é (mesmo a casa ainda por arrumar e muitos serviços por serem concluídos). E decidiu acolher o peregrino com todo o coração, sem a ‘aflição, a perturbação da irmã’. Foi sentar-se aos seus pés. Foi escutá-lo. Lucas quer que a igreja dele perceba que esta atitude é também estruturante da

<sup>30</sup> Conforme “A Regra de São Bento”, capítulo 53: Da recepção dos hóspedes. Na espiritualidade beneditina, com um forte acendo na hospitalidade, o peregrino, o migrante, estrangeiro é **reconhecido** como o próprio Cristo que chega. A visita de um migrante é a visita do Cristo. E com todas as honras e cuidados deve ser acolhido.

<sup>31</sup> É importante notar que, no caso do NT, casa é o lugar da reunião da Igreja.

<sup>32</sup> Cf. REID, Bárbara. *Choosing the better part? Women in the Gospel of Luke*, p. 156.

<sup>33</sup> *Ibidem*.

espiritualidade cristã: acolher, ser uma casa para os/as sem casa, especialmente considerando que a vida cristã é uma vida de migrações. Há muito trabalho (ministério – diaconia) a ser feito, mas precisa ser realizado a partir da escuta do peregrino, da acolhida de seu corpo dentro da ‘nossa casa’.

A Primeira Carta de Pedro é do final do primeiro século. Tempos difíceis. Necessidade premente de revitalizar as igrejas, devolverem para elas o ardor missionário e o conteúdo do Evangelho. A carta vai endereçada para os “estrangeiros dispersos nas comunidades da Ásia Menor” (1Pd 1,1), que sofrem hostilidades, incompreensões, violências, provocações na fé (1Pd 1,6; 2,12.19-20; 3,14-16; 4,1.4.12-16; 5,9). Estes peregrinos e forasteiros neste mundo (1Pd 2,11) vivem assim devido à realidade do império e muitos também por opções missionárias das igrejas cristãs.

Seguindo a interpretação de Paulo Nogueira, a palavra peregrinos (em em gr. *paroi kouj*) pode ser literalmente traduzida como estrangeiros residentes, e a palavra forasteiros (em gr. *parepi dh mouj*) identifica os estrangeiros que nem sequer tinham o direito de permanência no país. Eram, portanto, estranhos (em gr. *xenouj*) e por isso sem qualquer direito.<sup>34</sup>

Todo o texto vai na direção de ajudar as igrejas a perceberem que seu compromisso fundamental é reconhecer a migração como primeiramente uma identidade do povo cristão. Caminhar significa entrar num mundo de incertezas e inseguranças – esta é a vida que espera os/as missionários/as, os que decidem por vontade própria, por causa do chamado de Deus, a serem migrantes em busca do Reino. As igrejas precisam, ao invés de impedir e criticar esta situação, compreenderem que elas serão do Cristo se se derem conta de que devem ser “como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (1Pd 2,5). Ser ‘casa espiritual’ significa ser o lugar (físico e relacional) de acolhida, de hospitalidade para todos/as aqueles que passam e necessitam, para todos/as aqueles que são considerados estrangeiros (estranhos/as) e, por isso, sofrem injustamente por causa das opções que fizeram em direção ao Reino.

Este espírito encontra-se no caminho de João Batista Scalabrini. Reproduzimos aqui uma reflexão que circulou em junho do ano de 2001, em memória de sua vida apostólica e espiritual em favor dos migrantes. Ele foi, para muitos e muitas, a concretização do sonho de ser reconhecido como gente numa sociedade que excluía e maltratava.

<sup>34</sup> GONÇALVES, Alfredo. “Elementos para uma espiritualidade das migrações: riscos e potencialidades”, in *Revista Espaços*, p. 72.

Scalabrini foi um homem e um pastor sensível e contemplativo. Ele foi o bispo dos pobres e especialmente dos pobres migrantes na Itália do século passado. A realidade daquele país aos olhos de Scalabrini era de extrema dificuldade: 'a migração, na quase totalidade dos casos, não é um prazer, mas uma necessidade invencível... não fogem da Itália, por aversão ao trabalho, mas porque este lhes falta e não sabem como viver e manter a própria família'.<sup>35</sup> Um homem sensível para contemplar a realidade e envolver-se com ela. Ele aprendeu muita coisa do jeito de Deus se aproximar e se apaixonar pelos pequeninos do mundo: "Eu vi, eu vi a miséria do meu povo, ouvi os seus clamores por causa dos seus opressores e conheço o seu sofrimento" (Ex 3,7-8) ou ainda "Ele se compadeceu do povo porque pareciam ovelhas sem pastor" (Mc 6,34).

Num momento em que estamos ansiosos/as por novas abordagens, novos olhares sobre o fenômeno da mobilidade humana e da migração forçada como tal, a experiência e a espiritualidade que viveu Scalabrini, com a graça do Espírito Santo, podem nos ajudar nestes trilhos tão difíceis e complexos. Ele compreendeu profundamente que a migração é um direito de todos e todas. É, em profundidade, uma opção para ir em busca de melhoria na qualidade de vida sem ferir os princípios éticos e morais da sociedade ocidental em que as pessoas que migram estão inseridas. Em vez de roubar e matar, é melhor sair de sua terra para outra. Vários fatores contribuem para esta opção, não só a questão econômica, as questões de cultura, de sensibilidade religiosa. Os redatores do Gênesis, por exemplo, entenderam que Abraão assumiu a condição de migrante, junto com seu clã, por convicções religiosas: atender ao chamado de Javé para constituir povo novo em outras terras.

A memória de Scalabrini está contida em todas as pessoas e grupos que assumem e optam pelo seu direito a migrar para ajudar as populações pobres e em situação de risco a encontrarem a felicidade. Deus lhes deu a graça de, como o "Bom Samaritano", ser o próximo de muitos e muitas, não por aproximação geográfica ou semelhança no status social, mas por opção espiritual de estar servindo a Deus mesmo, tomando a mochila, não levando quase nada consigo e arriscando a vida própria em prol de outros.

O Samaritano aproximou-se (tornou-se próximo por opção) e cuidou da pessoa que estava caída. Esta marca "samaritana" encontra-se forte nas opções de vida e nos discursos de Scalabrini. Por isso é tão atual, se formos capazes de reler suas intuições desde nossa realidade e desde os novos paradigmas que estão sendo construídos em nossa sociedade.

---

<sup>35</sup> *Scalabrini, uma voz atual*, p. 359.

Os cristãos são chamados e chamadas a assumir esta espiritualidade militante como Scalabrini o fez. Deixar-se invadir pela realidade das pessoas que se movem no mundo e, a partir delas, e numa visão holística, fazermo-nos próximos e próximas dos migrantes com novos olhares e com novas abordagens do fenômeno que é tão natural e assustador como era nos tempos de D. Scalabrini na Itália do século passado.

### **Da solidão ao Deus que caminha junto: Deus é migrante (errante) também**

Retomando as 'memórias' bíblicas que nos falam sobre os patriarcas e matriarcas, percebemos que se colocar a caminho, não resultou apenas de uma situação econômica de sofrimento e miséria. A fome é sem dúvida uma situação limite, onde resta ao indivíduo ou ao grupo como única alternativa, buscar o alimento onde ele existir. Contudo, Abraão e Sara saem de sua terra atendendo a um chamado divino, respondem à vocação de Deus para se tornarem fundadores de um povo.

Eles têm um deserto a atravessar, tem um caminho a fazer, caminho que não pode ser negado. Cada um e cada uma têm o seu próprio. Muitos se escondem dele. Muitos o fantasiam, o decoram demais. Quando pensamos em deserto o que nos vem à mente? O deserto é um lugar de paradoxos. Há perigos como cobras, escorpiões. Pode-se morrer de sede, de frio ou torrado pelo calor do dia. Há tempestades de areia que mudam a paisagem a cada momento, torna-se difícil a localização. É difícil encontrar-se no deserto. Mas é também para as tradições espirituais o lugar do encontro consigo mesmo e, por isso, o lugar do encontro com o divino que habita em você e se manifesta através de você. O deserto também não é só um lugar geográfico. É um lugar espiritual, de conflito e luta, de encontro e mística.

Abraão e Sara aceitaram, como já refletimos, o desafio de sair de si e de ir ao encontro do desconhecido. Eles compreenderam que "a vida é uma longa caminhada pelo deserto".<sup>36</sup> Jean Yves continua: "Ir para o deserto é, em primeiro lugar, 'partir em direção a si mesmo'. É a isto que somos convidados. Para se conhecer verdadeiramente a si mesmo é preciso deixar um certo número de memórias com as quais confundimos nossa identidade".<sup>37</sup>

O deserto é o lugar do silêncio profundo. Só silenciando exterior e interiormente é que podemos entrar num processo de descoberta do nosso eu-mesmo. Nos processos de migrações, forçadas ou não, este direito normalmente não é concedido à maioria.

<sup>36</sup> LELOUP, Jean. *Deserto - Desertos*, p. 21

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 22.

Só quando a pessoa se coloca a caminho e enfrenta a solidão (física, geográfica e espiritual) é-lhe concedida a graça do encontro com o divino. O Caminho é condição para encontrar Deus e mover-se é imperativo. Este movimento deve ser interior e exterior. Aceitando a vocação de peregrinar (de se tornarem migrantes) eles aceitaram encontrar Deus na peregrinação para descobrir verdadeiramente sua vontade.

A explicação teológica da migração não pode ser vista como um acréscimo posterior (apenas redacional), uma motivação inferior à causa econômica (a fome e a miséria). Ao construir uma interpretação da migração como uma resposta ao apelo de um Deus amoroso e senhor da vida, Abraão e Sara retomam o controle de suas histórias, tornam-se protagonistas de um grande encontro entre o ser humano e o divino. As dificuldades encontradas pelo caminho se tornam momentos de provação e confirmação da fé; as pequenas vitórias são sinais de que a promessa está se cumprindo.

A fé cristã tem seu fundamento na ressurreição de Jesus. Na vigília Pascal solenemente pergunta-se como o anjo uma vez perguntou: "Por que procurais Aquele que vive entre os mortos? Ele não está aqui; ressuscitou!" (Lc 24,5b-6). Esta experiência gerou o nascimento de vários grupos que posteriormente foram denominados de "cristãos".

No movimento de saída – do êxodo da Bíblia e do nosso – vamos deixando de ser apenas indivíduos para irmos nos juntando com outros indivíduos. Vão nascendo neste processo grupos, comunidades. Sonhos vão se misturando. Conflitos vão cedendo lugar ao diálogo e a projetos. O povo de Deus se tornou grande nação pela agregação de vários grupos migrantes de diferentes partes do Egito, Deserto do Sinai, Cades, Cananéia, Síria. As comunidades cristãs são fruto da reunião de várias gentes de todo o império.

Para o movimento migratório a comunidade, seja cristã ou não, é de fundamental importância. A comunidade torna-se a nova casa. Uma casa baseada na igualdade e na fraternidade. O desafio das comunidades de hoje é perceber que elas têm essa vocação: em primeiro lugar ser espaço de acolhida e de partilha – da vida, dos sonhos, do alimento, do sofrimento. E isso é quase condição para a comunidade ser o espaço da eucaristia, da memória atual e revolucionária da presença de Jesus para o mundo. É imperativo ampliarmos o ensaio do Reino que fazemos.

Esta nova comunidade também é terapêutica. Como os antigos terapeutas do deserto o eram para os peregrinos e viajantes. Por que ela é terapêutica? "No início da era cristã, os terapeutas do deserto já postulavam uma antropologia não dual, considerando o ser humano como uma totalidade corpo/alma/espírito, 'não separando o que o próprio Deus

uniu'...'”<sup>38</sup> As comunidades devem trazer a cura para as pessoas e ajudar a devolver a cidadania e a dignidade perdida pelo caminho. É na comunidade que encontramos a expressão da fé da humanidade. É por isso que ela é um espaço Pascal – traz vida e vence a morte.

Deus tomou a iniciativa de revelar-se para a humanidade. Pela sua encarnação se fez humano como nós, assumindo nosso jeito e nosso limite, bem como nossa riqueza (Jo 1,14). Ele fez isso por amor. É um Deus apaixonado, é um amante incontrolável e dedicado. Já dizia Santo Agostinho: “Se eu procuro a Deus é porque Ele me procurou primeiro”.

Na língua da Bíblia, a palavra compaixão vem do termo “útero”. Significa o “amor uterino” de um Deus Maternal que escuta o clamor dos oprimidos que por Ele clamam, inclina-se para os excluídos, perdoa, liberta e integra-os na comunidade da aliança.

O Rabi Akibá, um dos mais importantes mestres do judaísmo, ensinava que Deus revelou-se na sarça ardente porque a árvore do espinheiro representa a comunidade de Israel. Deus se condói do sofrimento do seu povo e revela-se presente em meio ao sofrimento. O espinheiro arde, mas não se consome porque a compaixão de Deus não deixa o seu povo sofrendor ser aniquilado. “O que diz Deus quando o ser humano sofre tormento? Quando alguém diz: a cabeça me dói, o braço me pesa, Deus diz lá do céu: a cabeça me dói e o braço me pesa” (Mishná). Por isso, garantia o rabino, ninguém percebe, mas o mundo repousa sobre três colunas, que se se abalarem, o mundo inteiro desabaria. Estas três colunas que sustentam o mundo são a Palavra de Deus, a reunião das pessoas em comunidade de crentes e a compaixão, ou ainda solidariedade social.<sup>39</sup>

Toda a Bíblia mostra como Deus faz brotar a compaixão das suas entranhas e a derrama sobre toda a criação, como um apelo à vida da criatura humana. Deus é como uma Mãe que tem útero (daí vem a palavra hebraica que traduzimos como “compaixão”). Em primeiro lugar, a compaixão mostrou-se em escutar e comprometer-se solidariamente com o pequenino. Esta é justiça de Deus: entrar na compaixão é engajar-se em servir à causa da justiça do Reino; uma justiça que vai além das leis e liberta quem está oprimido (Ex. 33.12-20 e 34,5-10).

Os profetas e comunidades bíblicas falam da compaixão de Deus como a ação que torna fecundo o útero estéril de Sara, de Rebeca, da mãe de Sansão, de Ana e da própria comunidade de Israel, ou da Igreja, “tornando a que era estéril, mãe de muitos filhos” (Sl. 113).

<sup>38</sup> *Idem. Cuidar do Ser. Filon e os Terapeutas de Alexandria*, p. 9.

<sup>39</sup> Pirqé Avoth, 12.

O coração da espiritualidade bíblica não é uma peregrinação de cada um no próprio eu e nem o contato direto com um Deus Espírito, por mais que esta experiência mística seja querida e valorizada. A espiritualidade evangélica é dirigida ao projeto de ajudar as pessoas a saírem de si mesmas e viverem a alteridade numa vida de amor e solidariedade. Nos Evangelhos, a solidariedade de Jesus revela-se, revolvendo as suas entranhas de compaixão, ao ponto de fazê-lo chorar diante do túmulo de Lázaro, do enterro da filha da viúva de Naim e do povo que jazia abandonado como ovelhas sem pastor. Esta solidariedade visceral (uterina) supõe um envolvimento de toda a vida. Jesus deixa-se afetar no mais profundo do seu ser pelo sofrimento pessoal e coletivo e age gratuitamente. Sabe que nem sempre seu amor será correspondido. Em nenhum momento, exige das pessoas que cura, uma conversão prévia. É o amor gratuito que ele lhes dá que as leva a amar da mesma maneira (Lc 7, 47). Dizendo a Simão que aquela pecadora pública foi perdoada, porque amou mais, Ele parece aceitar que mesmo nas formas de amor ambíguas e problemáticas como a que ela vivia com os homens, havia um amor que era experiência de Deus.

Que o caminho seja brando a teus pés  
o vento sopra leve em teus ombros,  
que o sol brilhe cálido sobre tua face,  
as chuvas caíam serenas em teus campos.  
E até que, de novo, eu te veja,  
Que Deus te guarde na palma da sua mão.

(benção irlandesa)

## Bibliografia

- ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ALTMANN, Walter (org.). *Nossa fé e suas razões*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- ARAÚJO, Henry. *Especificidades da Literatura Infantil*. Belo Horizonte: Centro de Educação Permanente Prof. Luiz de Bessa / Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1980.
- ATTALI, Jacques. *L'Homme nômade*. Paris: Fayard, 2003.
- BALLESTER, Jesús. *São João da Cruz*. Noite escura lida hoje. São Paulo: Paulus, 1993.

- BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise nos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COMUNIDADE SHALOM. Disponível em: [http://www.comunidadeshalom.org.br/formacao/santos/joao\\_cruz.html](http://www.comunidadeshalom.org.br/formacao/santos/joao_cruz.html). Acesso: 06/09/2006.
- DUSSEL, Enrique. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ELLIOTT, John. *Um lar para quem não tem casa*. Interpretação sociológica da primeira carta de Pedro. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ENGELS, Friederich; MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FIORENZA, Elisabeth. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- FRANZ, Marie. *A Interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Paulus, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GAMELEIRA, Sebastião. *Indignar-se – vocação de Deus*. Indignação como princípio da práxis cristã. São Leopoldo: CEBI, 1995. [Palavra na Vida n. 94]
- GASS, Ildo Bon. *Eu faço a cidade e não moro*. São Leopoldo: CEBI, 1993. [A palavra na vida n. 66]
- GIGLIO, Zula. (org.). *Contos Maravilhosos: expressão do desenvolvimento humano*. Campinas: NEP/UNICAMP, 1991.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003.
- GONÇALVES, Alfredo. "Elementos para uma espiritualidade das migrações: riscos e potencialidades", in *Revista Espaço e Tempo*, 14/01/2006, São Paulo: Loyola, 2006.
- HABERMAS, Jurgen. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. São Paulo: Loyola, 2004.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOFFMANN, Paul. *A herança de Jesus e o poder na Igreja*. Reflexão sobre o Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 1998.
- HOONAERT, Eduardo. *Cristãos da terceira geração (100-130)*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- \_\_\_\_\_. *O movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LELOUP, Jean. *Cuidar do Ser*. Filon e os Terapeutas de Alexandria. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Deserto - Desertos*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LEVINÁS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LOHSE, Eduard. *Contexto e Ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- MÍGUEZ, Néstor, "Cristianismos originários: Galácia, Ponto e Bitínia", in *RIBLA - Revista de Interpretação Bíblica Latinoamericana*. Petrópolis: Vozes & São Leopoldo: Sinodal, 1998, n. 29, p. 85-105.
- MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. *Entre... a casa é sua: círculos bíblicos da primeira e segunda Cartas de Pedro*. São Leopoldo: CEBI, 2003. [A palavra na vida n. 181]
- MOSCONI, Luis. *As duas cartas de Pedro*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- NOGUEIRA, Paulo. *Como ler as cartas de Pedro*. O evangelho dos Sem-Teto. São Paulo: Paulus, 2002.
- REVISTA ESTUDOS BÍBLICOS. *Deus na cidade*. A pastoral urbana, n. 36. Petrópolis: Vozes, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Anunciar Jesus Cristo: como?*, n. 39, Petrópolis: Vozes, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Evangelho e Culturas*, n. 41, Petrópolis: Vozes, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Bíblia na mutação cultural*, n. 61, Petrópolis: Vozes, 1999.
- REID, Barbara. *Choosing the better part? Women in the gospel of Luke*. Minnesota: The Liturgical Press, 1996.
- REIMER, Ivone Richter. *Reconheçam de coração o Cristo como Senhor (1Pd 3, 15)*. São Leopoldo: CEBI, 2003. [A palavra na vida n. 188]
- SESBOÛÉ, Bernard (direção). *História dos Dogmas*. Tomo I: o Deus da salvação. A tradição, a regra de fé e os símbolos. A economia da salvação. O desenvolvimento dos dogmas trinitário e cristológico. São Paulo: Loyola, 2002.
- STINISSEN, Wilfried. *A noite escura em São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SWAN, Laura. *The forgotten desert mothers*. Sayings, lives and stories of early christian women. New York: Paulist Press, 1954.
- THOMPSON, Clara. *Evolução da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

